O Mediterrâneo da América Latina: a Amazônia na visão de Euclides da Cunha

WILLI BOLLE

WILLI BOLLE é professor de Literatura da FFLCH-USP e autor de, entre outros, *Fisiognomia da Metrópole Moderna* (Edusp).

Os escritos de Euclides da Cunha sobre a Amazônia (Cunha, 1986) – aos quais se pretende dar aqui uma introdução – constituem, na avaliação de um dos principais estudiosos de Euclides, "o aspecto menos conhecido" de sua obra (Ventura, 2003, p. 236). Esse relativo desconhecimento se explica sobretudo por três motivos: 1) a obra-prima do autor, *Os Sertões*, consagrada como peça integrante da literatura universal, tem ofuscado todo o restante de sua produção; 2) o caráter fragmentário, esparso e inacabado daqueles ensaios os deixa numa posição de desvantagem em relação a uma obra concluída; 3) a própria temática amazônica continua ocupando um lugar apenas marginal na consciência geral da grande maioria da população brasileira, inclusive dos intelectuais – embora neste primeiro semestre de 2005, acontecimentos como o desmatamento acelerado, assassinatos de cunho político como o da freira Dorothy Stang, e a transmissão da minissérie *Mad Maria*, pela TV Globo, tenham colocado um foco especial sobre a região. A despeito de sua feitura literária mais modesta, o projeto do livro de Euclides sobre a Amazônia visava provavelmente a algo equivalente ao que ele conseguiu realizar em *Os Sertões*. É o que esta apresentação procurará sugerir através de um conciso roteiro de leitura de seus escritos amazônicos.

I. VISÃO DE CONJUNTO DOS TEXTOS

Nosso objetivo inicial é montar um quadro de orientação que abranja todos os textos escritos por Euclides sobre a temática amazônica, informando sobre as circunstâncias de sua produção e divulgação e, sobretudo, sobre os assuntos específicos de que tratam. O primeiro desses textos foi um artigo publicado em *O Estado de S. Paulo*, em 14/11/1898, com o título "Fronteira Sul do Amazonas: Questão de Limites" [#01], um comentário ao livro homônimo de Manuel Tapajós. Embora nesse caso se trate de uma questão brasileira interna – os limites entre os estados do Amazonas e de Mato Grosso –, a questão das

linhas demarcadoras é brevemente discutida por Euclides também no tocante às *fronteiras da Amazônia brasileira com os países vizinhos*. Esse assunto, de alto teor político, passa a ser capital nos textos amazônicos de Euclides, em 1904 e 1905, ocupando praticamente a metade deles. Se, em *Os Sertões*, tratava-se da história de um conflito brasileiro interno – a campanha do exército nacional contra os revoltosos de Canudos –, a questão candente dos escritos amazônicos é o litígio entre Brasil e Peru a respeito das fronteiras. Em três artigos, publicados no *Estado de S. Paulo*, respectivamente em 14, 22 e 29/5/1904, intitulados "Conflito Inevitável" [# 02], "Contra os Caucheiros" [# 03] e "Entre o Madeira e o Javari" [# 04], Euclides discute o perigo iminente de uma guerra entre o Brasil e o Peru, em decorrência do conflito de interesses entre os dois países na região amazônica. Nesse contexto, o escritor alerta inclusive sobre o risco de o Brasil um dia vir a perder a Amazônia se não houver uma "ação persistente do Governo" (Cunha, 1986, p. 19).

O conflito armado foi evitado e optou-se por solucionar o litígio pelas vias diplomáticas. Foram constituídas duas comissões mistas, brasileiro-peruanas, para fazer uma demarcação detalhada das fronteiras *in loco*: uma dessas comissões se encarregaria de efetuar o reconhecimento do curso superior do Rio Juruá até as nascentes, e a outra realizaria o mesmo tipo de trabalho no Rio Purus. Euclides, que se candidatou a essa tarefa em meados de 2004 junto ao ministro das Relações Exteriores, é nomeado chefe da comissão brasileira de reconhecimento do alto Purus. Em 13/12/1904 embarca via Belém para Manaus, onde chega a 30/12/2004. Problemas técnicos causam uma demora de mais de três meses em Manaus, a contragosto de Euclides; ele aproveita esse tempo para detalhadas leituras de viajantes e exploradores. Em meados de março de 1905, comunica em cartas a vários amigos – Coelho Neto, José Veríssimo, Artur Lemos – o seu plano de escrever um livro sobre a Amazônia com o título *Um Paraíso Perdido* (Cunha, 1997, pp. 266, 268, 269). Esse projeto, entretanto, não foi levado a termo, devido principalmente à morte prematura do autor.

Realizada há exatamente um século, a viagem de exploração do Rio Purus pela comissão mista brasileiro-peruana, chefiada pelo engenheiro Euclides da Cunha e o capitão-de-corveta Pedro Alejandro Buenaño, inicia-se com a partida de Manaus em 5/4 e a entrada na foz do Rio Purus em 9/4/1905. Depois de terem percorrido os 3.210 km de extensão desse rio – via Lábrea, Boca do Acre, foz do Rio Chandless, Santa Rosa do Purus, Curanja, Forquilha do Purus (Alerta), foz do Rio Cavaljani –, brasileiros e peruanos chegam a 3/8, ou seja, após uma jornada de quatro meses, à "mais meridional das nascentes do Purus", o Rio Pucani. Efetuado o reconhecimento técnico das nascentes, a comissão volta pelo mesmo caminho, rio abaixo, chegando a Manaus ao termo de mais de dois meses e meio, a 23/10/1905. Sobre a viagem sai poucos dias depois, na imprensa local, uma breve entrevista de Euclides (*Jornal do Commercio*, Manaus, 29/10/1905) [# 05]. O principal resultado dessa exploração é o *Relatório da Comissão Mista Brasileiro-Peruana de Reconhecimento do Alto Purus* [# 06], que Euclides termina de redigir em Manaus a 16/12/1905. Logo depois ele regressa ao Rio de Janeiro, onde chega em 5/1/1906 e onde o texto é publicado pela Imprensa Nacional em 1906, acrescentado das *Notas Complementares* [# 07]. Um complemento importante é o "Relatório Confidencial ao Barão do Rio Branco" [# 08] – que veio a público somente em 1968 –, em que Euclides expõe os atritos ocorridos ao longo de toda a viagem com o chefe da comissão peruana, mostrando assim como o litígio entre Brasil e Peru se fazia sentir também no relacionamento cotidiano entre os representantes dos dois países.

A informação sobre toda essa primeira metade dos escritos amazônicos de Euclides seria incompleta sem a referência a dois livros que ele publicou em 1907, *Peru Versus Bolívia* [# 09] e *Contrastes e Confrontos* [# 10]. Ambos contêm capítulos ou artigos sobre a importância estratégica da Amazônia na política internacional, em que

as disputas entre os países sul-americanos são interpretadas diante do horizonte mais amplo da expansão imperialista das grandes potências: Estados Unidos, Inglaterra, Rússia, França e Alemanha. Merecem atenção especial os detalhados esclarecimentos sobre as negociações de fronteiras, sobretudo o Tratado de Petrópolis, firmado em 17/11/1903, pelo qual a Bolívia cedia ao Brasil o território do Acre em troca de compensações territoriais e pecuniárias. Esse acordo gerou reação de desagrado especialmente no Peru, que praticava desde meados do século XIX uma exploração intensa de suas terras amazônicas (ver Cunha, 1907a-1939). Apontando (no artigo-título "Contrastes e Confrontos" [# 10A]) "as incursões peruanas, neste momento excitadas nas fronteiras remotadas do Alto Juruá", ou seja, as "arrancadas dos caucheiros" (Cunha, 1907b-1975, pp. 140 e segs.), Euclides tece algumas considerações sobre a "Solidariedade Sul-americana" [# 10B]. Ironicamente, porém, tal "solidariedade" acaba sendo soterrada pela proposta de "uma guerra reconstrutora" (Cunha, 1907b-1975, p. 164), fórmula que parece ditada pela mentalidade social-darwinista própria da Era dos Impérios.

A vertente que prevalece no pensamento de Euclides não é, contudo, a solução dos conflitos através das armas e, sim, através da negociação – como se pode observar em seus textos e em seu comportamento diplomático no convívio cotidiano entre brasileiros e peruanos, durante toda a longa e difícil missão conjunta de reconhecimento. Um texto-chave, que proporciona, além disso, uma passagem do primeiro ao segundo bloco temático dos escritos amazônicos de Euclides, é o já referido artigo "Contra os Caucheiros". Recusando o recurso às operações militares como meio inadequado para solucionar os conflitos de interesses entre as nações, o autor – numa argumentação atualíssima – aposta na força da população civil e na dinâmica do povoamento:

"A remessa de sucessivos batalhões para o alto Purus – movimento de armas recordando um começo de guerra declarada – [...] é um erro. [...] O civil [...] surge de improviso desarticulando todas as peças da sinistra entrosagem em que a arte militar tem triturado os povos. [...] Vê-se bem quantos agentes [...] concorrerão no invalidar a ocupação estritamente militar daquela zona. [...] As forças para repelir a invasão já ali se acham, destras e aclimadas, nas tropas irregulares do Acre, constituídas pelos destemerosos sertanejos dos estados do Norte, que há vinte anos estão transfigurando a Amazônia" (Cunha, 1986, pp. 11, 12 , 14).

É sob a temática do povoamento ou, mais exatamente, da *luta pela terra em função da exploração da borracha* – com ênfase na adaptação do homem ao meio geográfico, no problema dos transportes e sobretudo nas formas de organização das atividades econômicas – que podemos agrupar os ensaios restantes, que formam o segundo bloco dos escritos amazônicos de Euclides. Trata-se sobretudo dos seguintes seis textos: "Um Clima Caluniado" [# 11], "Rios em Abandono" [# 12], "A Transacreana" [# 13] e "Os Caucheiros" [# 14], "'Brasileiros'" [# 15], "Judas-Ahsverus" [# 16]. Para completar os ensaios sobre a temática econômica e social, deve ser acrescentado ainda o artigo "Entre os Seringais" [# 17], publicado pela primeira vez na revista *Kosmos*, em 1906. Todos eles são frutos da expedição de 1905 pelo Rio Purus e foram reunidos para formar, juntamente com uma introdução chamada "Impressões Gerais" [# 20], a primeira parte, intitulada "Na Amazônia – Terra sem História", do livro *À Margem da História*, organizado por Euclides em 1909 e publicado em setembro daquele ano, um mês após a sua morte.

Como pano de fundo de todos esses ensaios amazônicos de Euclides é possível notar a influência do molde de composição de *Os Sertões*. Os referidos artigos sobre o meio geográfico e o povoamento corresponderiam às partes I e II daquele livro, respectivamente "A Terra" e "O Homem". Mas pode se ver também uma certa analogia com a parte III de *Os Sertões*, "A Luta", uma vez que aqui se trata de uma luta pela

terra: conflitos de fronteiras entre os países e permanente tensão social por causa do regime de escravidão defendido pelos donos da terra. Para arrematar a comparação entre o livro sobre o sertão e o projeto de livro sobre a Amazônia, é preciso incluir também o ensaio "O Inferno Verde" [# 18], escrito para servir de preâmbulo ao livro homônimo publicado por Alberto Rangel em 1907. A visão do "Inferno", nesse ensaio, faz contraponto ao "Paraíso Perdido" evocado pelo título geral. Juntamente com o provável intróito daquele livro – "Amazônia: a Gestação de um Mundo" [# 19] (parte do discurso de posse, proferido por Euclides na Academia Brasileira de Letras, em 18/12/1906), em que há uma referência explícita ao *Gênesis* – esses textos evocam padrões bíblicos, lembrando mais uma vez a composição de *Os Sertões* (cf. Galvão, 1994, pp. 628-33).

Com isso, completamos uma primeira sinopse dos escritos de Euclides da Cunha sobre a Amazônia, informando sobre temática e quantidade, cronologia e circunstâncias de sua produção. Quanto à edição, o conjunto desses textos foi publicado apenas postumamente, em duas coletâneas diferentes. A primeira, organizada por Hildon Rocha, com o subtítulo *Reunião dos Ensaios Amazônicos* (Cunha, 1976 e 2000), abrange todos os referidos textos, exceto os de número [# 02], [# 10A] e [# 10B], oferecendo um extrato do número [# 09] com o título "O Tratado entre o Peru e o Brasil". Na segunda antologia, organizada por Leandro Tocantins, com o subtítulo *Ensaios, Estudos e Pronunciamentos sobre a Amazônia* (Cunha, 1986), faltam apenas os textos de número [# 09], [# 10A] e [# 10B]. Como título principal, ambas as coletâneas – que vêm acompanhadas também de uma seleção da correspondência de Euclides – mantiveram aquele que o autor imaginou: *Um Paraíso Perdido*.

Depois desses esclarecimentos prévios, vamos agora ao objetivo principal deste ensaio, que consiste em propor um *roteiro de leitura* dos escritos amazônicos de Euclides. Quanto à questão básica, qual é o estatuto desses textos, parece-me bastante plausível uma hipótese formulada por Franklin de Oliveira (1983, p. 100) e retomada por José Carlos Barreto de Santana (2001, p. 184): os ensaios amazônicos seriam para o projeto de escrever *Um Paraíso Perdido,* o equivalente ao "Diário de uma Expedição" para a elaboração de *Os Sertões*. Ou seja, assim como a primeira grande obra, também a segunda seria levada a termo somente após o regresso do teatro das operações, necessitando ainda de vários anos de elaboração. Consideramos, portanto, os textos reunidos nas duas coletâneas intituladas *Um Paraíso Perdido* essencialmente como um trabalho inacabado, um *work in progress*, um projeto de livro. O que corrobora fortemente esta hipótese é o fato de que a viagem amazônica de Euclides teve dois objetivos inter-relacionados, mas no mais bastante diferentes: 1) o cumprimento da missão diplomática e científica de reconhecimento da região fronteiriça do alto Purus; 2) a preparação para escrever um livro sobre a Amazônia – em que o autor procuraria "vingar a Hiloe maravilhosa de todas as brutalidades das gentes adoidadas que a maculam desde o século XVIII" (Cunha, 1997, p. 266). Certamente esse segundo *livro vingador* não lhe teria exigido menos energia que a elaboração de *Os Sertões*.

II. ESBOÇO DE COMPARAÇÃO DE *UM PARAÍSO PERDIDO* COM *OS SERTÕES*

Significativamente o breve texto introdutório de Euclides, "Amazônia: a Gestação de um Mundo", termina com uma reflexão sobre o "quanto é difícil [...] escrever" (*PP*, p. 5) (1). Com efeito, como se vê em muitas passagens de seus escritos amazônicos e a começar pelo título cogitado – *Um Paraíso Perdido* –, o conhecimento da região, para ele, é essencialmente ligado à capacidade de expressá-lo por meio da imagem e da palavra certa. Assim como em *Os Sertões*, observa-se também aqui uma

1 A sigla *PP*, daqui em diante, se refere a: Cunha, 1986.

concorrência entre os *modelos cognitivos científicos e poéticos*. "Um sábio no[s] desvendaria [a Amazônia] [...] conduzindo-nos pelos infinitos degraus, amortecedores, das análises cautelosas. O artista atinge-a de um salto; adivinha-a; contempla-a, d'alto" (*PP*, p. 203), declara Euclides, que está em busca do "descortino desafogado do conjunto", do "conspecto da fisionomia geral" (*PP*, p. 200). Quer dizer: para esse fisiognomista da Amazônia, a linguagem, o estilo e o gênero de composição não são meramente instrumentais ou acessórios, são o *medium* da informação. A Amazônia de Euclides é uma Amazônia construída na linguagem.

À referida dificuldade de escritor corresponde, por parte do intérprete, uma dificuldade de ler. Não sabemos qual teria sido a estrutura definitiva do projetado livro sobre a Amazônia. Em vez de entrar em vãs especulações a esse respeito, vamos observar as características de composição e estilo nos textos que ele efetivamente redigiu. Nessa aproximação aos escritos amazônicos, será instrutivo nós nos determos um pouco mais na comparação com o molde de composição de *Os Sertões* – com fins heurísticos, sem querer afirmar com isso que o livro amazônico de Euclides seguiria necessariamente por esse caminho. Todavia, algumas analogias estruturais são tão evidentes que não há como não comentá-las. Sobretudo o ressurgimento do tríptico "a Terra" / "o Homem" / "a Luta".

"Um filho da terrra [...] perdidamente namorado dela" (*PP*, p. 5) – assim se autoretrata o escritor no seu projeto de livro amazônico, fazendo relembrar o modo como ele descreveu o país e a paisagem em *Os Sertões*. Vários elementos daquela *topofilia* reaparecem nos escritos amazônicos. Aqui como lá, o autor registra suas "primeiras impressões" (*OS*, pp. 87-91) (2) ou "impressões gerais" (*PP*, pp. 25-38). À "entrada no sertão" (*OS*, p. 80) corresponde a descrição de como ele "entr[ou] pela primeira vez naquele estuário do Pará" (*PP*, p. 5). E o topos da *terra ignota* (*OS*, pp. 80-4) encontra seu eco na constatação de que a Amazônia, "é de toda a América", apesar de ser "a paragem mais perlustrada dos sábios", "a paragem [...] menos conhecida" (*PP*, p. 27).

Uma técnica de observação e um procedimento literário que Euclides maneja magistralmente é o "golpe de vista do alto"; o leitor há de se lembrar dos panoramas do sertão, "como num mapa em relevo", apresentados a partir do Monte Santo e do Alto da Favela (*OS*, pp. 95-8 e 98-9). Num de seus ensaios amazônicos, o autor nos oferece uma vista que não apenas não fica nada a dever àqueles panoramas, mas em que se descortinam horizontes mais grandiosos. Na tradição dos *quadros da natureza* de Alexander von Humboldt, Euclides nos leva a um ponto topográfico de onde o olhar abrange por assim dizer a terra brasileira por inteiro. Trata-se do momento em que a expedição de reconhecimento do alto Purus chega às nascentes mais remotas daquele afluente do Amazonas:

"Chegando no dia 3 de agosto [de 1905] [...] às 3h15 [...] a um último poço, deparávamos [...] o sulco do varadouro... / O varadouro [...] abre-se adiante, para o sul. [...] descamba depois [...] para o vale do Ucaiale. Em alguns minutos estávamos no seu ponto culminante [...]. O sol descia para os lados do Urubamba... Os nossos olhos deslumbrados abrangiam, de um lance, três dos maiores vales da terra; e naquela dilatação maravilhosa dos horizontes, banhados no fulgor de uma tarde incomparável, o que eu principalmente distingui, irrompendo de três quadrantes dilatados e transcoando-os inteiramente – ao sul, ao norte e a leste – foi a imagem arrebatadora da nossa pátria que nunca imaginei tão grande" (*PP*, pp. 198-9).

É uma passagem antológica, em que, graças à estilização literária, ao uso da hipérbole e a um "realismo maravilhoso", a cartografia empírica e a vista natural são sobrepujadas por uma *imagem visionária*, à qual poderíamos apor a legenda: *Visão do Mediterrâneo da América Latina*.

Permita-me o leitor explicar detalhadamente essa afirmação, que deu o título

2 A sigla *OS* se refere a: Cunha, 2002.

a este ensaio. Contrariamente ao que se pode imaginar, o Rio Purus, explorado por Euclides da Cunha, não é um rio qualquer entre outros, mas uma via altamente estratégica e, sobretudo, "o mais rico entre os rios da Amazônia" (*PP*, p. 161). Além de atravessar pelo meio o território do Acre – na época, a principal zona de extração da borracha e o território-símbolo da disputa internacional pelos tesouros da Amazônia –, o Purus constitui o eixo central, o quadrante leste, de um horizonte de visão de 180 graus, que abrange idealmente a região amazônica como um todo. Essa visão holística – de frente para o Brasil, a partir do território peruano – é completada ao norte pelo Rio Urubamba, que verte no Ucaiale o qual, por sua vez, se junta com o Rio Marañon para formarem o Solimões, que se prolonga no Rio Amazonas; e ao sul, pelas nascentes do Rio Manu (Madre de Dios) que, já em território boliviano, verte no Beni, este no Mamoré e este no Rio Madeira, considerado segundo Martius o afluente mais importante do Rio Amazonas. Note-se que a abrangência dessa imagem vai muito além da noção de "pátria". A grandeza do quadro consiste em focalizar – numa escala planetária ("três dos maiores vales da terra") – a rede hidrográfica da Amazônia inteira, essa imensa bacia de mar doce que o Brasil compartilha com seus países vizinhos.

Essa idéia da Amazônia como *locus mediterraneus* da América Latina – que vai além da corriqueira imagem do rio-mar – pode ser corroborada com duas ou três citações-chave. Numa outra dilatação de perspectiva, desta vez relativa à paleogeografia, Euclides evoca a teoria de um geólogo, F. Katzer, segundo o qual um "extinto oceano mediodevônico [...] afogava todo o Mato Grosso e a Bolívia, cobrindo quase toda a América meridional e chofrando no levante as antiqüíssimas arribas de Goiás" (*PP*, p. 28). Euclides compartilha de uma variante dessa hipótese, falando do "largo canal terciário que por longo tempo separou os planaltos brasileiros e os das Guianas, até que o vagaroso sublevar dos Andes, no ocidente, cerrando-lhe um dos extremos, o transmudasse em golfo, em estuário, em rio..." (*PP*, p. 28). A visão da Amazônia como um extinto oceano já tinha sido apresentada pelo escritor em *Os Sertões*, naquele memorável capítulo intitulado "Um Sonho de Geólogo" (*OS*, pp. 91-4), cuja passagem central merece ser aqui retomada:

"As pesquisas de F. Hartt [...] [e de] Agassiz [...] se acolchetam no deduzir que vasto oceano cretáceo rolou as suas ondas sobre as terras fronteiras das duas Américas, ligando o Atlântico ao Pacífico. Cobria assim grande parte dos Estados setentrionais brasileiros [...] as grimpas mais altas das nossas cordilheiras mal apontavam ao norte [...]. Não existiam os Andes, e o Amazonas, largo canal entre as altiplanuras das Guianas e as do continente, separava-as, ilhadas. Para as bandas do sul o maciço de Goiás, [...] o de Minas e parte do planalto paulista. [...] ao abrir-se a época terciária, se realiza o fato prodigioso do alevantamento dos Andes; novas terras afloram nas águas; tranca-se, num extremo, o canal amazônico, transmudando-se no maior dos rios; ampliam-se os arquipélagos esparsos, e ganglionam-se em istmos, e fundem-se; arredondam-se, maiores, os contornos das costas; e integra-se, lentamente, a América" (*OS*, pp. 92-3).

Observa-se que a visão da história natural, no caso, a paleogeografia, é usada nessa passagem como símile para a idéia de uma integração cultural e política da América (Latina).

Nesse contexto, já que Euclides usa freqüentemente a palavra "deserto" e também a palavra "sertão" para referir-se à região amazônica, convém lembrar que o *locus mediterraneus* pode designar tanto "o mar" quanto "o sertão". A vida e história desta palavra, pesquisadas por Gustavo Barroso, são assim resumidas por Walnice Galvão:

"A palavra já era era usada na África e até mesmo em Portugal. [...] Nada tinha a ver com a noção de deserto (aridez, secura, esterilidade) mas sim com a de 'interior', de distante da costa: por isso, o sertão pode até ser formado por florestas, contanto que sejam afastadas do mar. [...] no *Dicionário*

da língua bunda de Angola, de frei Bernardo Maria de Carnecatim (1804), [...] o verbete *muceltão*, bem como sua corruptela *certão*, é dado como *locus mediterraneus*, isto é, um lugar que fica no centro ou no meio das terras. Ainda mais, na língua original era sinônimo de 'mato', sentido corretamente usado na África Portuguesa, só depois ampliando-se para 'mato longe da costa'" (Galvão , 2001, p 16).

À luz das pesquisas lingüísticas como das geológicas confirma-se assim o imaginário popular, fixado em versos cantados e retomado num filme como *Deus e o Diabo na Terra do Sol*: "O sertão vai virar mar / E o mar vira sertão".

O arcabouço do projeto do livro amazônico de Euclides, dizíamos, é sustentado por *matrizes bíblicas*: começando com o *Gênesis* e se estendendo do *Paraíso* até o *Inferno*. Se, no livro anterior, o sertão era visto como "um paraíso" (*OS*, pp. 130-2), esse qualificativo é aplicado ainda mais intensamente à Amazônia:

"[...] vi, pela primeira vez, o Amazonas... / [...] o que se me abria às vistas desatadas, naquele excesso de céus por cima de um excesso de águas, lembrava (ainda incompleta e escrevendo-se maravilhosamente) uma página inédita e contemporânea do *Gênesis*. / Compreendi o ingênuo de Cristóvão da Cunha: o grande rio devera nascer no Paraíso..." (*PP*, p. 4).

O *tópos* do *Gênesis*, apresentado no texto de cunho introdutório, "Amazônia: a Gestação de um Mundo", é retomado no preâmbulo escrito por Euclides para o livro *O Inferno Verde*, de Alberto Rangel: "Realmente, a Amazônia é a última página, ainda a escrever-se, do Gênese" (*PP*, p. 203). Lançado esse mote, Euclides se detém a explorar o *tópos*, copiando por assim dizer o Livro da Natureza escrito por Deus:

"É a terra moça, a terra infante, a terra em ser, a terra que ainda está crescendo... / [...] não há fixá-la em linhas definitivas. De seis em seis meses, cada enchente, que passa, é uma esponja molhada sobre um desenho malfeito: apaga, modifica, ou transforma, os traços mais salientes e firmes, como se no quadro de suas planuras desmedidas andasse o pincel irrequieto de um sobre-humano artista incontentável..." (*PP*, pp. 203-4).

Subitamente surge, na construção euclidiana da imagem da Amazônia, a antítese: "Ora, entre as magias daqueles cenários vivos, há um ator agonizante, o homem. O livro [*O Inferno Verde*] é, todo ele, este contraste" (*PP*, p. 204). O que Euclides diz nessa passagem sobre o livro de Alberto Rangel, caracteriza também a sua própria filosofia da composição. À terra de traços paradisíacos, moldada pelo artista sobre-humano, "terra farta e a crescer na plenitude risonha da sua vida" (*PP*, p. 204), Euclides contrapõe um homem e uma sociedade agonizantes – sendo o "agonizante", do grego *agonía*, "o homem que luta". No meio dessa luta, como veremos, atua a figura do Diabo. Resumindo a comparação esboçada até aqui com o livro *Os Sertões*, pode-se dizer que, no projeto do livro amazônico, a passagem da categoria "a Terra" para o binômio "o Homem"/"a Luta" é sintetizada pelo oximóron do "paraíso diabólico dos seringais" (*PP*, p. 35).

III. NARRATIVA "FLUVIAL" E HISTORIOGRAFIA DAS ESTRUTURAS

Na última parte deste ensaio vamos nos ater ainda por um momento às categorias construtivas de *Os Sertões*, para enveredar a partir daí para um outro caminho. Em termos do *método de escrever a história*, as partes I e III de *Os Sertões* diferem radicalmente entre si. Enquanto em "a Luta", ou seja, no relato da campanha de Canudos, Euclides pratica um tipo de historiografia *cronológico-seqüencial*, de feitio mais tradicional, em "a Terra", ele opta por uma apresentação não-linear, mas *espacial-territorial*, envolvendo tempos de longuíssima duração, num aperfeiçoamento dos modelos

mesológicos oitocentistas. Com isso, prenuncia um método inovador de escrever a história, que seria consagrado, em 1946, por Fernand Braudel com *La Méditerranée*, a obra paradigmática da historiografia das estruturas. Ocorre que já em *Os Sertões* – na parte do meio, "o Homem" – aqueles dois métodos se superpõem e se entrecruzam: por um lado, narrativas lineares, como a história de Antônio Conselheiro ou o crescimento de Canudos e, por outro, uma incipiente historiografia de estruturas, como nos informes sobre a população, a religião ou o regime de servidão.

Nos ensaios amazônicos do nosso autor, essas duas formas básicas de escrever a história reaparecem em toda parte, ora em oposição, ora num entrelaçamento interativo. Nesta passagem, por exemplo, Euclides faz a crítica da narração estritamente linear: "Aos nossos antigos cronistas faltou sempre uma visão superior, de conjunto, permitindo-lhes abranger outras relações além da marcha linear dos roteiros que seguiam, ou dos objetivos definidos que buscavam" (*PP*, p. 140). Curiosamente, essa crítica se encontra no texto que é a narrativa euclidiana linear por excelência, o *Relatório de Reconhecimento do Alto Purus*, ou mais exatamente nas "Notas Complementares", escritas um pouco mais tarde; trata-se de um paratexto em que o texto principal é revisto com um certo distanciamento. Numa segunda observação, logo em seguida, fica mais claro qual era a alternativa que Euclides tinha em mente:

"O próprio Alexandre Rodrigues Ferreira [...] tacanheou um belo espírito em desvaliosas minúcias e raro lançou um olhar para fora das instruções que o manietavam. E como estas, em geral, impunham aos exploradores o caminho pelo eixo da grande artéria fluvial, apenas com as variantes do rio Negro ou do rio Branco, por ali ficaram também, na sua grande maioria, os narradores, alheios aos fatos ocorridos noutros pontos que, embora de menor monta, talvez contribuíssem bastante para uma urdidura mais firme de sucessos que ainda hoje mal se definem, parcelados e discordes".

Essas duas passagens lêem-se como uma confirmação de que, muito além do cumprimento das instruções oficiais de fazer o reconhecimento do Rio Purus, Euclides aspirava a uma "visão superior" e "de conjunto" da Amazônia, a uma escrita em forma de rede que pudesse captar numa "urdidura firme" as inúmeras informações "parceladas".

Ao perseguir essa tarefa, o autor do projeto *Um Paraíso Perdido* sabia que tinha de examinar e filtrar, uma por uma, todas as "imagens prefiguradas" (cf. *PP*, p. 25) da Amazônia, contidas em tantas e tantas páginas de seus precursores: os grandes viajantes e exploradores. A respeito dos "sábios", "de Humboldt a Goeldi", ele opina:

"Pois bem, lede-os. Vereis que nenhum deixou a calha principal do grande vale; e que ali mesmo cada um se acolheu, deslumbrado, no recanto de uma especialidade. Wallace, Mawe, W. Edwards, d'Orbigny, Martius, Bates, Agassiz, para citar os que me acodem na primeira linha, reduziram-se a geniais escrevedores de monografias" (*PP*, p. 27).

Nessa crítica, Euclides certamente passa do ponto, forçando os fatos em causa própria. Pois não há como negar a espíritos como Martius ou Humboldt a capacidade de uma visão holística da Amazônia; e, no fundo, nosso autor sabia disso e aprendeu com eles essa arte.

Por outro lado, a crítica de Euclides a roteiros e narrativas lineares não deixa de ser dialética. Olhando bem, de todos os seus ensaios amazônicos, o único de feitura mais "linear" é o relatório sobre o Rio Purus – e mesmo ali, a geometria linear é transcendida pela categoria do "fluvial", ainda mais em se tratando de um rio "divagante"... (*PP*, p. 122). Os demais ensaios, simultâneos e posteriores, constituem o contraponto dessa narrativa-tronco: notas complementares que se tornaram textos autônomos. Isso posto, é preciso reconhecer também que, por uma série de razões, a narrativa linear-fluvial é indispensável. Primeiramente, em função da idéia generalizada, discutida por Euclides,

de que "os grandes rios [são] a causa preeminente do desenvolvimento das nações" (*PP*, p. 29). Além disso, a narrativa linear-seqüencial não deixa de ser o molde básico por meio do qual se pode estruturar um relato de viagem de exploração ou descrever uma via de povoamento ou de comunicação, pelo menos num primeiro momento. O ensaio de Euclides sobre a "Transacreana" é desse feitio; em certo sentido é linear, assim como o objeto em questão:

"[A] grande estrada de 726 km, [...] capaz de prolongar-se de um lado até o Amazonas, pelo Javari, e de outro, até o Madeira, pelo Abunã, está de todo reconhecida, e na maior parte trilhada. / A intervenção urgentíssima do Governo federal impõe-se [...]. / Deve consistir [...] no estabelecimento de uma via férrea [...] urgente e indispensável no Território do Acre" (*PP*, p. 100).

Essa estrada seria a resposta moderna ao diagnóstico "desanimador" feito no século XVIII pelo padre João Daniel sobre a região "entre o Madeira e o Javari", onde, "em distância de mais de 200 léguas, não há povoação alguma nem de brancos nem de tapuias mansos ou missões" (*PP*, p. 15). Numa reviravolta dialética, o texto "linear" sobre a Transacreana desdobra-se num artigo "espacial", na medida em que trata da política de povoamento de um território. Quanto à projetada via férrea, ela nunca foi construída, em que deve ter pesado o malogro traumático da Madeira-Mamoré; mas em seu lugar surgiu mais tarde a rodovia que hoje é a estratégica BR-364. A Transacreana, por outro lado, iria se transformar em protótipo para a construção da Transamazônica, quando foram retomados pontos essenciais da argumentação de Euclides: "navegar em seco", seguindo o modelo dos "varadouros"; estabelecer uma "ligação transversa" entre "os grandes vales [dos rios]"; "firma[r] um símbolo tangível de [...] posse"; abrir "uma nova estrada [para a] entrada dos extratores" (*PP*, pp. 97 e 105).

O tipo de ensaio "espacial-territorial-mapeador" dentre os escritos amazônicos de Euclides é representado da maneira mais evidente pelo texto intitulado "Entre o Madeira e o Javari". Nele, assim como nos outros escritos "territoriais", ainda a serem comentados, o autor trata do *povoamento* e da *luta pela terra*, tema que ocupa no projeto de livro *Um Paraíso Perdido* uma importância comparável ao binômio "o Homem"/"a Luta" em *Os Sertões*. Partindo de um breve histórico dos líderes do povoamento da referida região, como Manuel Urbano da Conceição e o coronel Rodrigues Labre – cujos nomes se perpetuaram em cidades às margens do Rio Purus – Euclides expõe qual foi a causa e a conseqüência da chegada das "sucessivas vagas de imigrantes", que reproduziam nas décadas finais do século XIX "o tumulto das entradas do século XVIII":

"O látex das seringueiras, o cacau, a salsa, a copaíba e toda espécie de óleos vegetais, substituindo o ouro e os diamantes, alimentavam *as mesmas ambições* insofregadas. / A terra, até então entregue às tribos erradias, teve em cerca de dez anos (1887) uma população de 60 mil almas [...]. E por fim uma cidade, uma verdadeira cidade, Lábrea, repontou daquela forte convergência de energias, trazendo [...] com o requinte progressista de uma imprensa de dois jornais, *O Purus* e *O Labrense*, e o luxo suntuário de um teatro concorrido, e colégios, e as ruas calçadas e alinhadas: a molécula da civilização aparecendo, repentinamente, nas vastas solidões selvagens" (*PP*, pp. 17-8).

O tom animado e até entusiasta dessas linhas, escritas por Euclides no Rio de Janeiro ou em São Paulo antes de sua viagem à Amazônia e marcadas pela fé no progresso, não iria ter continuidade dali em diante.

Em seus ensaios sobre o povoamento, Euclides procura identificar *estruturas econômicas e sociais*, sendo que essas estruturas são descritas sobretudo nos ensaios que chamamos de "espaciais" ou "territoriais": além do já comentado "Entre o Madeira e o Javari", trata-se de "Os Caucheiros", "Entre os Seringais", "'Brasileiros'" e "Judas Ahsverus". Projetando *a posteriori* o modelo

Membros da Comissão Mista Brasileiro-peruana de reconhecimento do alto Purus

da "história das estruturas" de Fernand Braudel sobre o projeto amazônico de Euclides, pode-se dizer que seus ensaios sobre questões do povoamento correspondem à parte do meio (II) de *La Méditerranée*, que trata das estruturas econômicas, sociais e culturais (enquanto na parte I é estudado o meio geográfico e, na parte III, a política e a história dos acontecimentos).

Da história da ocupação e do povoamento da Amazônia, Euclides focaliza sobretudo a atividade econômica de extração e comércio da borracha; este tema é o ponto de chegada do seu *relatório* sobre o Rio Purus. O ciclo da borracha, que começara em meados do século XIX, estava no auge quando o autor pesquisou a região; pouco depois entrou em declínio (cf. Weinstein, 1993). Foram duas espécies de árvores – numa demonstração cabal da teoria mesológica – que "determinaram o desbravamento e o povoamento de tão extenso território em tempo relativamente curto: a seringueira (*hevea brasiliensis*), e o caucho (*castilloa elastica*)" (*PP*, p. 137). Um fator decisivo para o tipo de ocupação da região, com repercussões na política internacional, foi a distribuição geográfica das duas espécies:

"[E]nquanto a *castilloa*, a partir dos vales do Madre de Dios e do Ucaiale, se derrama para o norte transpondo o *divortium aquarum* do Amazonas para ir florescer quase até além do Ituxi e outros rios do baixo Purus – a *hevea* parece ir apenas até Cataí. / A natureza de ambas determinou a do povoamento" (*PP*, p. 137).

A diferença entre as duas árvores é que o caucho "morre de incisão", "por isso o caucheiro não a conserva", mas "derruba-a logo para aproveitar [...] todo o leite que ela possui"; já a seringueira "resiste indefinidamente quase aos talhos metodicamente dispostos nas *arriações*", "por isso o seringueiro a conserva" (*PP*, p. 137). A partir desses dados mesológicos, fitográficos, Euclides traça o perfil da sociedade local:

"Destas circunstâncias resultam [...] os atributos das duas sociedades novas e originais [...] naqueles lugares. / O caucheiro é por força um nômade, um pesquisador errante, estacionando nos vários pontos a que chega até que tombe o último pé de caucho. Daí o seu papel notável no desvendar paragens desconhecidas. Todo o alto Madre de Dios e todo o alto Ucaiale foram entregues à ciência geográfica pelos audazes mateiros, de que é Fiscarrald a figura mais completa. [...] / O seringueiro é por força sedentário e fixo. Enleiam-no, prendendo-o para sempre ao primeiro lugar em que estaciona, as próprias estradas que abriu, convergentes na sua barraca, e que ele percorrerá durante a sua vida toda. Daí o seu papel, inegavelmente superior, no povoamento. / De qualquer modo não podemos negar a ambos uma função notabilíssima no atual momento histórico da América do Sul" (*PP*, pp. 137-8).

Dispomos agora dos dados para poder especificar – recorrendo uma última vez às categorias construtivas de *Os Sertões* (sempre com as devidas ressalvas quanto aos limites de tal comparação) – qual é *a Luta* de que tratam os ensaios amazônicos de Euclides. Na verdade, são dois tipos de luta, bem diferentes. Um aspecto é o *embate entre caucheiros e seringueiros*, ou seja, a disputa entre *Peru e Brasil* quanto às terras

entre o Madeira e o Javari, em que estava envolvida também a Bolívia (cf. Cunha, 1907a). Não vem ao caso aqui entrar nos pormenores desse conflito, que foi solucionado há um século; sinalizemos apenas a permanência do *tópos* da Amazônia como objeto de "cobiça internacional" (cf. Reis, 1960), com forte envolvimento também de brasileiros (cf. Oliveira, 1983, p. 104).

Uma contribuição metodológica notável de Euclides consiste em escrever a história do Brasil também com base em documentos dos países vizinhos. O texto que melhor ilustra esse método é intitulado "Brasileiros". Lança-se ali um olhar sobre o Brasil, em particular sobre a Amazônia brasileira, do lado de fora: a partir da exploração e ocupação peruana do *oriente*, ou seja, da *selva*, que constitui uma parte considerável do território do país vizinho. O método histórico comparativo é descrito por Euclides nestes termos:

"[À] medida que se rastreia a marcha peruana para o levante, exposta em [...] regulamentos, em decretos, em circulares e em ofícios [...], observa-se nas referências [...] ao elemento brasileiro, o intercurso de uma outra avançada obscura, mas vigorosa, e contrapondo-se-lhe numa expansão tão enérgica para o ocidente, que com os seus efeitos [...] se restauraria todo um capítulo da nossa história, que se perdeu ou se fracionou [...], para ressurgir agora, esparso em fragmentos surpreendentes, nas entrelinhas da história de outro povo" (*PP*, p. 86).

Fica muito claro, à luz dessa observação, que a história do povoamento tanto peruano quanto brasileiro na Amazônia restaria incompleta sem os documentos que se encontram, de forma fragmentária, "nas entrelinhas da história" do país vizinho. A meta proposta pelo nosso autor é uma história comparada e dialogada dos povos. Nela estaria presente toda a gama de sentimentos e imagens de um em relação ao outro, desde a visão hostil até a disposição para a colaboração. Essa idéia pode ser ilustrada através de duas passagens constrastivas, em que "o brasileiro" é citado em documentos peruanos:

[1.] "*los brasileros mas próximos al Perú que tienen la bárbara costumbre de armar expediciones militares com objeto de hacer correrias sobre los indios Maynas, atropelando muchas vezes las autoridades.../ [los brasileros] absolutos monopolizadores del comércio de importación ó exportación*" (D. Manuel Ijurra, 1811, cit. *PP*, p. 88).

[2.] "*Agustín Gamarra – Gran mariscal restaurador del Perú [...] / Considerando que para promover la navegación por vapor en el río de Amazonas y sus confluentes es necesario proporcionar facilidades y ventajas que indemnicen a los empresários.../ Decreta: 1.º Se concede al ciudadano brasileño D. Antonio Marcelino Pereira Ribeiro el privilegio exclusivo de navegar por buques de vapor em el rio Amazonas, en la parte que corresponde al Peru y todos sus afluentes... / 3.º Los buques de vapor llevarón el pabellón brasileño... [...] Lima, a 6 de Julio de 1841*" (cit. *PP*, p. 85).

Um segundo aspecto da "Luta" de que tratam os ensaios amazônicos de Euclides – e que se prolonga até os dias atuais – diz respeito às *condições de vida dos trabalhadores*, tanto dos seringueiros quanto dos caucheiros, e ao problema correlato da *propriedade da terra*. Já que o Rio Purus é descrito por Euclides, com base nas estatísticas da exportação de borracha, castanhas, óleo de copaíba, pirarucu, salsaparrilha, como "o mais rico entre os rios da Amazônia" (*PP*, p. 161), cabe a pergunta: quem usufrui dessa riqueza? O ensaísta esclarece:

"A propriedade mal distribuída [...] reduz-se economicamente nas mãos de um número restrito de possuidores. O rude sertanejo é duramente explorado, vivendo despeado do pedaço de terras em que pisa longos anos [...] [é reduzido] nos pontos mais remotos, a um quase servo, à mercê do império discricionário dos patrões" (*PP*, p. 164).

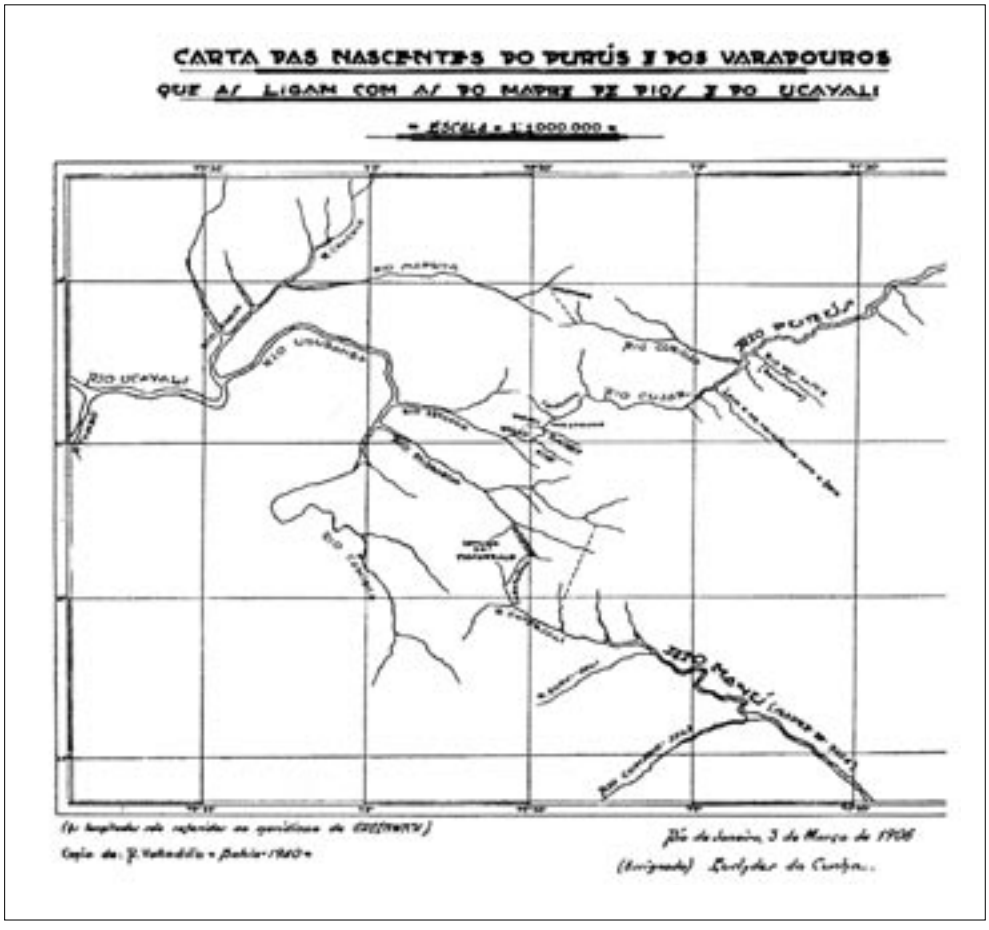
O ambiente do trabalhador é caracterizado em termos que sugerem o inferno: "paraíso diabólico dos seringais" (*PP*, p.

35), "diabólica geometria requerida pela divisão dos diferentes lotes" (*PP*, p. 213). A topografia concreta de um seringal é apresentada pelo enfoque do recorte territorial típico: a "estrada", que "resume os mais variados aspectos da sociedade [...] abarracada à margem daqueles grandes rios" (*PP*, p. 213). A detalhada descrição do procedimento de abertura das "estradas" desemboca num quadro social simbolizado pela figura de um animal que enlaça e asfixia:

"[E]stradado todo o terreno, [...] completamente repartido o seringal, [...] se vêem as barracas e as estradas que as envolvem, contorcidas à maneira de tentáculos de um polvo desmesurado. / É a imagem monstruosa e expressiva da sociedade torturada que moureja naquelas paragens. O cearense aventuroso ali chega numa desapoderada ansiedade de fortuna; [...] ergue a cabana [...] numa clareira que a mata ameaçadora constringe, e longe do barracão senhoral [...], pressente que nunca mais se livrará da estrada que o enlaça [...]. / A *pieuvre* assombradora [...] só o larga quando, extintas todas as ilusões, esfolhadas uma a uma todas as esperanças, queda-se-lhe um dia, inerte, num daqueles tentáculos, o corpo repugnante de um esmaleitado, caindo no absoluto abandono" (*PP*, pp. 214-5).

A *estrada* e o polvo são as imagens escolhidas pelo escritor para dar uma idéia mais concreta do que aguarda o trabalhador naquelas "paragens exuberantes das héveas e das castilloas": a "mais criminosa organização do trabalho". É a "tremenda anomalia" "[d]o homem que trabalha para escravizar-se" (*PP*, p. 36). O funcionamento do regime de *escravidão* é ilustrado detalhamente pelo autor através de um mecanismo de contas, em que o trabalhador, desde o início, fica enredado numa malha de dívidas, disposta de tal maneira que nunca consegue libertar-se – além de não ter direito a ne-

Mapa com detalhes das nascentes do Purus



nhuma propriedade, nem da terra que ele trabalha nem da casa em que mora.

Euclides não apenas denuncia a existência da escravidão, mas também propõe medidas concretas para a melhoria das condições dos trabalhadores: "uma lei de trabalho", "uma justiça que cerceie os desmandos", "uma forma do *homestead* que consorcie [o homem] à terra" (*PP*, p. 38).

As palavras do intelectual reforçam o surdo protesto dos espoliados, registrado no texto antológico "Judas Ahsverus". Ali Euclides narra como "no sábado de aleluia os seringueiros do alto Purus desforram-se de seus dias tristes", de uma vida que é uma "interminável sexta-feira da Paixão" (*PP*, p. 76). A confecção da figura do Judas é, para o seringueiro, um ritual de autopunição. Ele quer "punir-se da ambição maldita que o conduziu àqueles lugares" e o fez "entrega[r]-se maniatado e escravo, aos traficantes que o iludem" (*PP*, p. 77). "Esculpi[ndo] o maldito à sua imagem" e enviando-o, rio abaixo, como recado "à humanidade longínqua", o seringueiro "vinga-se de si mesmo" e "desafronta-se da fraqueza moral que lhe parte os ímpetos da rebeldia" (*PP*, p. 79). Nesse breve texto está o essencial da visão de história de Euclides. Concebendo a história como "história dos sofrimentos" (cf. Benjamin, 1984, p. 188), ele retrata o "martírio" dos "condenados da Terra" (cf. Fanon, 1961).

O que o autor de *Um Paraíso Perdido* tem em comum com aqueles espoliados é o ímpeto vingador. "Procurarei vingar a Hiloe maravilhosa de todas as brutalidades das gentes adoidadas que a maculam desde o século XVIII" – assim ele apresentou o projeto do livro quando falou dele pela primeira vez. O pano de fundo geral das miniaturas históricas locais de Euclides é a história do povoamento da Amazônia – pelos forasteiros, sendo o substrato inicial e permanente dessa ocupação *a escravização e o extermínio dos indígenas* (cf. *PP*, pp. 67-8, 73-5).

Fonte: Google Earth. Tratamento de imagem: Marcio Santos

Mapa da região do alto Purus via satélite, 2005

QUADRO SINÓPTICO DOS ESCRITOS AMAZÔNICOS DE EUCLIDES DA CUNHA

[# 01] "Fronteira Sul do Amazonas: Questão de Limites". *O Estado de S. Paulo*, 14/11/1898.

[# 02] "Conflito Inevitável". *O Estado de S. Paulo*, 14/5/1904.

[# 03] "Contra os Caucheiros". *O Estado de S. Paulo*, 22/5/1904.

[# 04] "Entre o Madeira e o Javari". *O Estado de S. Paulo*, 29/5/1904.

[# 05] "Os Trabalhos da Comissão Brasileira de Reconhecimento do Alto Purus" (entrevista). *Jornal do Commercio*, Manaus, 29/10/1905.

[# 06] *Relatório da Comissão Mista Brasileiro-Peruana de Reconhecimento do Alto Purus*, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1906. Inclui o [# 07].

[# 07] *Notas Complementares*. Incluído em [# 06].

[# 08] "Relatório Confidencial ao Barão do Rio Branco". Publicado apenas em 1968, por Leandro Tocantins, in *Euclides da Cunha e o Paraíso Perdido*.

[# 09] *Peru versus Bolívia*. 1907.

[# 10] *Contrastes e Confrontos*. 1907. Apenas dois artigos deste livro tratam da Amazônia: [# 10A] e [# 10B].

[# 10A] "Contrastes e Confrontos". Artigo-título de [# 10].

[# 10B] "Solidariedade Sul-americana". Incluído em [#10].

[# 11] "Um Clima Caluniado", in *À Margem da História*, 1909.

[#12] "Rios em Abandono", in *À Margem da História*, 1909.

[#13] "A Transacreana", in *À Margem da História*, 1909.

[#14] "Os Caucheiros", in *À Margem da História*, 1909.

[#15] "'Brasileiros'", in *À Margem da História*, 1909.

[#16] "Judas-Ahsverus", in *À Margem da História*, 1909.

[#17] "Entre os Seringais", revista *Kosmos*, Rio de Janeiro, 1906.

[# 18] "O Inferno Verde". Preâmbulo ao livro homônimo de Alberto Rangel, 1907.

[# 19] "Amazônia: a Gestação de um Mundo". Parte do discurso de posse, proferido por Euclides na Academia Brasileira de Letras, em 18/12/1906.

[#20] "Impressões Gerais". Introdução ao livro *À Margem da História*, 1909.

À narrativa linear-fluvial e à historiografia espacial-territorial que foram nossos conceitos-guia, na parte final deste ensaio, devemos acrescentar uma terceira forma, que encontramos em ambas: o fragmento. Com seu modo de trabalhar preferencialmente com pedaços da história – o cotidiano de seringueiros e caucheiros, mas também excertos de ilustres exploradores, viajantes, cientistas, fundadores de cidades, num painel que visa uma compreensão holística da história – Euclides, ao mesmo tempo em que se põe a construir um ambicioso acervo bibliográfico sobre a Amazônia, introduz também um elemento de ruptura. Como alternativa para a historiografia dos vencedores, que pretendem narrar a história "assim como ela de fato se passou", o autor de *Um Paraíso Perdido* procura organizar os fragmentos de uma história dos sofrimentos da Amazônia.

Como vimos, ao longo deste percurso pela obra inacabada de Euclides, trata-se de uma historiografia ao mesmo tempo destrutiva e construtiva. O símile desse tipo de escrever é apresentado através de uma antropomorfização do Rio Amazonas, à qual se misturam alguns traços autobiográficos. Atribuindo "faculdades criadoras" a esse rio (*PP*, p. 31), o escritor o observa em plena atividade de trabalho: "destruindo e construindo, reconstruindo e [...] apagando [...] – com a ânsia, com a tortura, com o exaspero de monstruoso artista incontentável a retocar, a refazer e a recomeçar perpetuamente um quadro indefinido..." (*PP*, p. 32).

BIBLIOGRAFIA

BRANDÃO, Adelino. *Euclides da Cunha – Bibliografia Comentada*. São Paulo, Literarte, 2002.

BENJAMIN, Walter. *Origem do Drama Barroco Alemão*. Trad. de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo, Brasiliense, 1984.

BRAUDEL, Fernand. *La Méditerranée et le Monde Méditerranéen à l'Époque de Philippe II*. 2ª ed., revista e aumentada. Paris, Armand Colin, 1966 (1ª ed.: 1946).

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões: Campanha de Canudos*. Ed. org. por Leopoldo M. Bernucci. São Paulo, Ateliê, 2002.

_____. *Peru versus Bolívia*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1907a (2ª ed., com 2 mapas e estudo de Oliveira Lima: Rio de Janeiro, José Olympio, 1939).

_____. *Contrastes e Confrontos*. Porto, Empresa Literária Tipográfica, 1907b. (reedição: Rio de Janeiro, Record, 1975).

_____. *Um Paraíso Perdido: Reunião dos Ensaios Amazônicos*. Seleção e coordenação de Hildon Rocha. Petrópolis, Vozes, 1976 (reed. sob o título *Um Paraíso Perdido: Reunião de Ensaios Amazônicos*. Sel. e coord. de Hildon Rocha. Brasília, Senado Federal, 2000).

_____. *Um Paraíso Perdido: Ensaios, Estudos e Pronunciamentos sobre a Amazônia*. Org., introd. e notas de Leandro Tocantins. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986 (ed. comemorativa do 80º ano da expedição de E. da Cunha ao alto Purus (1905)). (Abreviatura: PP.).

_____. *Correspondência de Euclides da Cunha*. Orgs.: Walnice Galvão e Oswaldo Galotti. São Paulo, Edusp, 1997.

FANON, Frantz. *Les Damnés de la Terre*. Paris, 2002 (1ª ed.: 1961).

GALVÃO, Walnice Nogueira. "Euclides da Cunha". In: Ana Pizarro (org.). *América Latina: Palavra, Literatura e Cultura*. Vol. II: *Emancipação do Discurso*. Campinas, Editora da Unicamp, 1994.

_____. *O Império do Belo Monte: Vida e Morte de Canudos*. São Paulo, Fundação Perseo Abramo, 2001.

OLIVEIRA, Franklin de. *Euclides: a Espada e a Letra*. São Paulo, Paz e Terra, 1983.

REIS, Arthur Cézar Ferreira. *A Amazônia e a Cobiça Internacional*, 1960.

SANTANA, José Carlos Barreto de. *Ciência e Arte: Euclides da Cunha e as Ciências Naturais*. São Paulo, Feira de Santana, Hucitec/Universidade Estadual de Feira de Santana, 2001.

VENTURA, Roberto. *Retrato Interrompido da Vida de Euclides da Cunha*. Orgs.: Mario Cesar Carvalho e José Carlos Barreto de Santana. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

WEINSTEIN, Barbara. *A Borracha na Amazônia: Expansão e Decadência (1850-1920)*. São Paulo, Hucitec-Edusp, 1993.